
Todas as almas

Javier Marías

Todas as almas

Tradução de ???

*Ao Eric Southworth
aos meus antecessores Vicente e Félix
e à Elide*

Dois dos três morreram desde que saí de Oxford, e isso faz-me pensar, supersticiosamente, que talvez tenham estado à espera de que eu chegasse e esgotasse o meu tempo ali para me darem a oportunidade de os conhecer e poder agora falar deles. É possível, portanto — e sempre supersticiosamente —, que seja obrigado a falar deles. Não morreram senão quando deixámos de nos dar. Se tivesse continuado nas suas vidas, e em Oxford (se tivesse continuado nas suas vidas quotidianamente), talvez ainda estivessem vivos. Este pensamento não é apenas supersticioso, é também vaidoso. Mas para falar deles tenho de falar também de mim e da minha estada na cidade de Oxford. Mesmo que aquele que fala não seja o mesmo que lá esteve. Parece, mas não é o mesmo. Se a mim próprio me chamo *eu* ou se utilizo um nome que me tem acompanhado desde que nasci e pelo qual alguns me hão-de lembrar ou se conto coisas que coincidem com coisas que outros me atribuíram ou se chamo *minha casa* à casa que antes e depois foi ocupada por outros, mas que habitei durante dois anos, é só porque prefiro falar na primeira pessoa, não porque acredite que a faculdade da memória é suficiente para continuar a ser o mesmo em diferentes tempos e em diferentes espaços. Aquele que aqui conta o que viu e o que lhe aconteceu não é aquele que o viu e a quem aconteceu, nem o seu prolongamento nem a sua sombra nem o seu herdeiro nem o seu usurpador.

A minha casa tinha três andares e forma piramidal e nela passava muito tempo, dado que as minhas obrigações na cidade de Oxford eram praticamente nulas ou inexistentes. Com efeito, Oxford é, sem dúvida, uma das cidades do mundo onde menos se trabalha, e nela o facto de se estar revela-se muito mais decisivo

que o de fazer ou até mesmo o de fingir. Estar exige ali tanta concentração e paciência, e tanto esforço para lutar contra a letargia natural do espírito, que seria uma exigência desmesurada pretender que, além disso, os seus habitantes ainda se mostrassem activos, principalmente em público, apesar de alguns colegas costumarem fazer as suas deslocações sempre a correr para darem a impressão de um perpétuo sufoco e ocupação extrema nos intervalos entre uma e outra aula, as quais, no entanto, decorreram ou teriam de decorrer no mais absoluto sossego e despreocupação, como parte que eram do estar e não do fazer e nem sequer do fingir. Era o caso de Cromer-Blake e também do *Inquisidor*, também conhecido por *Carniceiro* ou *Estripador*, e cujo nome verdadeiro era Alec Dewar.

Mas quem negava todos os simulacros de agitação e dava corpo e verbo ao estatismo ou estabilidade do lugar era Will, o velho porteiro do edifício (a Institutio Tayloriana, assim chamada com pompa e em latim) onde eu costumava trabalhar em sossego e sem preocupações. Nunca vi um olhar tão limpo (certamente não na minha cidade, Madrid, onde *não existem* olhares limpos) quanto o daquele homem de quase noventa anos, pequeno e polido, invariavelmente vestido com uma espécie de macacão azul, a quem era permitido permanecer muitas manhãs na sua cabina envidraçada a dar os bons-dias aos professores à medida que iam entrando. Will não sabia, literalmente, em que dia vivia, e assim, sem que ninguém pudesse prever a data que escolhera e menos ainda saber o que determinava a sua escolha, passava todas as manhãs em anos diferentes, a viajar para trás e para a frente no tempo de acordo com a sua vontade ou, melhor dizendo, provavelmente à margem da sua vontade. Havia dias em que, mais do que acreditar que estava, na verdade estava em 1947, ou em 1914, ou em 1935, ou em 1960, ou em 1926, ou em qualquer um dos anos da sua longuíssima vida. Às vezes era possível intuir se Will se encontrava instalado num ano mau mediante uma leve expressão de temor (era um ser demasiado puro para que nele houvesse espaço para a preocupação, pois carecia

absolutamente da visão de futuro sempre associada a tal sentimento) que, no entanto, nunca chegava a assombrar o seu olhar confiante e ufano. Podíamos suspeitar que uma manhã de 1940 estava para ele dominada pelo medo dos bombardeamentos da noite anterior ou da seguinte, e que uma manhã de 1916 o podia encontrar um pouco abatido com as más notícias procedentes da ofensiva do Somme, e que uma de 1930 o tinha acordado sem um tostão no bolso e com os olhos cautelosos e tímidos de quem tem de pedir emprestado e ainda não decidiu a quem. Noutros dias, o ligeiríssimo apagamento do seu imenso sorriso ou do brilho do seu olhar tão afectuoso era de todo indecifrável — nem sequer objecto de fabulação — porque, sem dúvida, devia-se a pesares e sensaborias da sua vida pessoal, que nunca interessou a um professor ou aluno. Nessa viagem contínua pela sua existência, quase tudo era insondável para os demais (tal como os retratos de séculos passados ou uma fotografia tirada anteontem). Como podíamos saber em que aflitiva jornada dos seus inúmeros dias se encontrava Will quando o víamos cumprimentar apenas com um meio sorriso, em vez do gesto entusiasmado das datas joviais ou mesmo neutras? Como saber que troço melancólico do seu infindável trajecto estava a percorrer quando não erguia a mão naquele seu gesto infantil enquanto dava os bons-dias? Aquela mão verticalmente erguida, que nos fazia ter a convicção de que naquela cidade inóspita alguém ficava realmente alegre por nos ver, embora esse alguém não soubesse quem éramos ou, melhor dizendo, nos visse todas as manhãs como alguém diferente do dia anterior. Só por uma vez soube, graças a Cromer-Blake, em que momento exacto daquela sua vida sem sobressaltos, passada durante tantas horas atrás dos vidros da sua cabina, se encontrava Will. Cromer-Blake esperou por mim à porta do edifício e avisou-me:

— Diz algo ao Will, umas palavras de conforto. Aparentemente, hoje está a viver no dia em que lhe morreu a mulher, em 1962, e ficaria muito magoado se um de nós não se apercebesse do sucedido ao entrar. Está muito triste, mas o seu bom humor

natural permite-lhe usufruir do seu protagonismo de hoje apenas na medida certa para não perder de todo o sorriso. De modo que, até certo ponto, também está satisfeitíssimo. — E, já sem olhar para mim, acariciando o cabelo prematuramente grisalho, Cromer-Blake acrescentou: — Esperemos que não lhe dê para ficar todos os dias nesta data, teríamos de atravessar todas as manhãs o umbral com umas palavras de condolências nos lábios.

Will trazia uma gravata preta por cima da camisa branca, por baixo do macacão azul, e os seus olhos claríssimos pareciam ainda mais transparentes e líquidos do que era costume, talvez devido a uma noite passada em lágrimas e a ver morrer. Aproximei-me da porta da cabina, que estava aberta, e poisei-lhe a mão no ombro. Senti os seus ossos. Não sabia bem o que dizer.

— Bom dia, Will, embora para si seja mau. Acabo de saber, sinto muito, que posso dizer-lhe?

Will sorriu placidamente e, uma vez mais, iluminou-se-lhe o rosto rosado, tão rosado que parecia terso. Poisou a sua mão na minha e deu-me umas palmadinhas sem força, como se fosse ele a consolar-me. Cromer-Blake, com a toga ao ombro, observava-nos. (Cromer-Blake trazia sempre a toga ao ombro e observava sempre.)

— Obrigado, Mr. Trevor. É verdade o que disse, para mim o dia não podia ser pior. Morreu ontem à noite, sabe?, esta madrugada. Andava adoentada há algum tempo, mas não muito. Esta madrugada acordei e estava a morrer. Morreu logo, sem aviso, subitamente, talvez não quisesse acordar-me. Disse-lhe para esperar, mas não conseguiu. Nem sequer me deu tempo de me levantar. — Will calou-se por momentos e perguntou: — Que tal me fica a gravata, Mr. Trevor? Não a costume usar. — Depois, sorriu e acrescentou: — Mas teve uma boa vida, ou pelo menos é o que acho, e também não foi curta. Deve saber que ela era cinco anos mais velha do que eu. Levava-me cinco anos de vantagem, agora já não importa contá-los. Agora eu serei mais velho, talvez. Continuarei a fazer anos e talvez venha a ser mais velho do que ela alguma vez foi. — Levou a mão à gravata, inseguro. — Além disso, embora o dia seja mau para

mim, não há motivo para não desejar que o seu seja bom. Bom dia, Mr. Trevor.

Não tirou a mão de cima da minha — no seu ombro —, tão aérea como de outras vezes, mas pôs-se de pé, fazendo o seu cumprimento vertical.

Naquela manhã estávamos em 1962, por isso eu era Mr. Trevor. Se Will estivesse nos anos 30 eu teria sido o doutor Nott e, se estivesse nos 50, então ter-me-ia-visto como Mr. Renner. Durante a guerra de 14 convertia-me no doutor Ashmore-Jones, nos anos 20 era Mr. Brome, nos 40 o doutor Myer e, nos 70 e 80, o doutor Magill, e essa era a única maneira que tinha de saber para que década se tinha inclinado e dirigido Will, o viajante do tempo, a cada manhã. Para ele, todos os dias eu era um membro da faculdade que pertencia ao passado, embora sempre o mesmo em cada período escolhido quotidianamente pelo seu espírito para o habitar. E nunca se enganava. Em mim, e aos seus olhos puros e intemporais, voltavam a viver o seu próprio passado rotineiro aqueles Dr. Magill e Dr. Myer, e Mr. Brome, e Dr. Ashmore-Jones, e Mr. Renner, e Dr. Nott, e Mr. Trevor, alguns já mortos e outros reformados, outros tendo-se simplesmente mudado ou desaparecido sem deixarem outra memória além dos nomes, ou talvez expulsos da universidade por um qualquer lapso grave de que o pobre Will, na sua cabina eterna, nunca teve a menor notícia.

E estranhamente viveu também em mim, durante algumas manhãs, um tal Mr. Branshaw, de quem ninguém tinha memória nem nada sabia, o que — todas as manhãs em que o ouvia chamar-me assim: bom dia, Mr. Branshaw — me fazia pensar se a capacidade de Will para viajar no tempo não incluiria também o futuro (talvez o mais imediato, aquele que abarcasse o que lhe restasse de vida) e se, instalado nos anos 90, não estaria a cumprimentar alguém que ainda não tinha chegado a Oxford e que talvez, onde quer que se encontrasse, ainda ignorava que lhe caberia em sorte viver naquela cidade inóspita e conservada em calda, como em tempos se referiu a esta um dos meus

antecessores. Alguém a quem Will também não reconheceria com os seus olhos sonhadores e diáfanos e a quem talvez desse o meu nome, que nunca pronunciou à minha frente, quando o cumprimentasse com a sua mão alegre à entrada da Tayloriana.

Como disse, as minhas obrigações na cidade de Oxford eram mínimas, o que me fazia sentir amiúde uma personagem decorativa. Tendo consciência, no entanto, de que a minha mera presença dificilmente poderia decorar fosse o que fosse, tinha por bem vestir de vez em quando a toga preta (já apenas obrigatória em escassíssimas ocasiões) com o objectivo principal de contentar os inúmeros turistas com quem me costumava cruzar no trajecto entre a minha casa piramidal e a Tayloriana, e o secundário de me sentir como que sob disfarce e, de certo modo, mais ajustado à minha qualidade de adereço. Assim, disfarçado, chegava por vezes à sala de aula onde dava as minhas poucas aulas ou palestras a diversos grupos de estudantes, todos eles de uma respeitabilidade excessiva e indiferença ainda maior. Pela idade, eu estava mais perto deles do que da maior parte dos membros da congregação (nome dado ao conjunto dos *dons* ou professores da universidade, seguindo a forte tradição clerical do lugar), mas bastava estar nervosamente em cima de um palanque durante as poucas horas em que estabelecia contacto visual com eles para o distanciamento entre mim e os alunos ser quase monárquico. Eu estava em cima e eles em baixo, eu tinha um belo púlpito à frente e eles vulgares carteiras com incisões, eu vestia a minha longa toga preta (com as fitas de Cambridge e não as de Oxford, claro, para maior reserva) e eles não, e isso era motivo suficiente para que não só não discutissem as minhas afirmações tendenciosas, como também para nem sequer me fazerem perguntas quando perorava acerca da sombria literatura espanhola do pós-guerra durante uma hora que se me fazia tão interminável quanto o próprio pós-guerra para os seus literatos (os anti-regime, bastante poucos).

Em compensação, os estudantes faziam perguntas nas aulas de tradução que lhes dava com a companhia alternada dos meus colegas ingleses. Os textos que estes últimos escolhiam para estas aulas (com um nome tão extravagante que de momento prefiro calá-lo para não criar um enigma gratuito e certamente menor) eram tão rebuscados ou costumeiros que, com frequência, tinha de improvisar definições espúrias para palavras rançosas ou heréticas que nunca tinha visto nem ouvido em toda a minha vida e que, evidentemente, os estudantes não voltariam a ver nem a ouvir nas suas. Palavras presunçosas e memoráveis (concebidas, sem dúvida, por cabeças doentes), de entre as quais recordo com particular entusiasmo *praseodímio*, *jarampero*, *guadameco* e *engicabaire* (também alcoolizado não conseguí esquecer *briaga*, numa passagem vinícola do mais elegante).¹ Embora correndo o risco de passar por néscio agora que as traduzi para inglês e sei perfeitamente o que significam, confesso que na altura desconhecia por completo a sua existência. Ainda hoje admiro-me com a sua existência. O meu papel nessas aulas era mais arriscado do que nas palestras, já que consistia em fazer de gramática e dicionário falantes, com o consequente desgaste para os meus reflexos. As perguntas mais árduas eram as etimológicas, mas pouco a pouco, e levado pela impaciência e o desejo de agradar, não tive problemas em ir inventando etimologias delirantes em cima do joelho para me livrar daquilo, confiando em que nenhum aluno nem o colega de ocasião jamais teria a curiosidade suficiente para ir comprovar mais tarde o quão verídicas eram as minhas respostas. (E, no caso de a terem, estava convencido de que também teriam a compaixão suficiente para me não atirarem o disparate à cara no dia seguinte.) Assim, perante perguntas que me pareciam tão mal-intencionadas e absurdas, como qual era a origem da palavra *papirotazo*,² não me parecia de todo inconveniente dar respostas ainda mais absurdas e pior intencionadas.

¹ Em português, respectivamente, *praseodímio*, *entrelupo*, *badameco*, *riúfio* e *pinguço*. (N. do T.)

² Em português, *piparote*. (N. do T.)

— *Papirotazo*, claro. A este tipo de golpe dado com o dedo indicador chamamos assim porque era deste modo que se batia nos papiros encontrados no Egito no início do século XIX para testar a sua resistência e começar por determinar a sua antiguidade.

E ao ver que ninguém reagia violentamente nem ninguém se lembrava de argumentar que um único piparote teria convertido qualquer papiro dinástico em *confetti*, mas que os alunos tiravam notas e o colega inglês — aturdido, sem dúvida, pela grosseira sonoridade da palavra, e talvez embriagado com a visão repentina de um Egito napoleónico — aprovava a minha explicação («Estão a ouvir? *Papirotazo* vem da palavra *papiro*: *pa-pi-ro, pa-pi-ro-ta-zo*»), ainda arranjava coragem para insistir naquilo e rematar a falsidade com uma nota erudita:

— É, portanto, uma palavra bastante recente, que se assimilou à mais antiga *capirotazo*, como também se chama este golpe doloroso e vexatório — e fazia uma pausa para ilustrar o vocábulo com um piparote no ar —, por ser o mesmo que se costumava oferecer aos penitentes encapuzados durante as procissões da Semana Santa, na ponta dos seus capuzes ou *capirotes*, para os humilhar.

E o meu colega sempre aprovador («Estão a ouvir? *Ca-pi-ro-te, ca-pi-ro-ta-zo*»). O deleite com que alguns professores britânicos proferiam palavras descabeladas em espanhol nunca deixava de me comover, e as que os deixavam mais satisfeitos eram as de quatro ou mais sílabas. Recordo que o *Carniceiro* desfrutava tanto com aquilo que perdia a compostura e, erguendo uma perna — a branquíssima canela a descoberto por debaixo de umas meias demasiado curtas e uns sapatões vorazes —, apoiava-a com desenfado e alguma graça em cima de uma carteira vazia e fazia-a baloiçar ao compasso do seu silabar eufórico («*Ve-ri-cue-to, ve-ri-cue-to. Mo-fle-tu-do, mo-fle-tu-do*»).³ Na verdade, mais tarde vi-me forçado a acreditar que o aplauso dos meus colegas perante as minhas

³ Em português, respectivamente, *caminho de cabras* e *bochechudo*. (N. do T.)

etimologias imaginárias era consequência da sua excelente educação, do seu espírito de solidariedade e sentido de diversão. Em Oxford nunca ninguém diz o que quer que seja directamente (a franqueza seria a mais imperdoável das falhas, e também a mais desconcertante), mas passei a compreendê-lo quando, ao despedir-me de Dewar, o *Inquisidor*, após os meus dois anos de permanência ali, ele me disse, entre outras pomposidades:

— Vou sentir falta dos teus fantásticos conhecimentos etimológicos. Sempre me surpreenderam extraordinariamente. Ainda me lembro do espanto que senti quando explicaste que a palavra *papirotazo* vinha de *papo*, por designar um golpe que se dava no *papo* ao contrário: fiquei boquiaberto. — Calou-se um segundo para observar, deliciado, a minha confusão. Estalou a língua contra o palato e acrescentou: — A etimologia é uma ciência apaixonante, é pena que os estudantes, pobres rapazes sem discernimento, se esqueçam de noventa e cinco por cento das maravilhas que de nós ouvem, e que os nossos brilhantes achados só os deslumbrem durante uns minutos, mais ou menos até ao fim da aula. Mas eu jamais o hei-de esquecer: *pa-po, pa-pi-ro-ta-zo* — e flectiu um pouco uma perna. — Quem diria. Fantástico.

Acho que corei consideravelmente e, assim que pude, corri para a biblioteca para consultar o dicionário e descobrir que, com efeito, a famosa palavra *papirotazo* procedia do *papo* onde antigamente se recebia o ignominioso golpe. Senti-me mais impostor do que nunca, mas também fiquei com a consciência em parte tranquilizada, pois considerei que as minhas etimologias dementes não eram muito mais disparatadas nem menos verosímeis do que as reais. Pelo menos esta parecia-me quase tão excêntrica quanto a improvisada. E, em todo o caso, como o *Estripador* tinha sublinhado, este tipo de conhecimentos ornamentais duravam poucos minutos, quer fossem falsos, autênticos ou uma meias-verdades. Por vezes, o verdadeiro saber é indiferente, e então podemos inventar.

Caminhei interminavelmente pela cidade de Oxford e conheço quase todos os seus recantos e também os seus confins de nomes esdrúxulos: Headington, Kidlington, Wolvercote, Littlemore (Abingdon, Cuddesdon, já mais longe). Também cheguei a conhecer quase todos os seus rostos de há três e dois anos, por mais difícil que fosse voltar a encontrá-los. A maior parte das vezes caminhava sem propósito nem rumo certo, embora me lembre bem de que, durante uns dez dias do meu segundo período lectivo ali (aquele a que se chama Hilary e compreende oito semanas entre Janeiro e Março), caminhei com um propósito pouco adulto e na altura — enquanto durou — nem sequer a mim próprio confessado. Foi pouco antes de conhecer Clare e Edward Bayes, e de facto a interrupção ou abandono do objectivo (sim, foi abandono) também se deveu, certamente, a ter conhecido Clare Bayes e o marido, e não apenas porque o propósito se tivesse visto cumprido e ao mesmo tempo frustrado na altura, numa tarde ventosa em Broad Street.

Uns dez dias antes de Clara e Edward Bayes me terem sido apresentados e começar a dar-me com eles, regressava eu de Londres — era sexta-feira — no último comboio da noite, que partia da estação de Paddington por volta da meia-noite. Era o comboio que costumava apanhar todas as sextas-feiras ou sábados quando regressava da capital, onde não tinha onde ficar a dormir a menos que fosse num hotel, o que só me podia permitir de vez em quando. Normalmente preferia regressar casa e, se fosse caso disso, viajar de novo para Londres na manhã seguinte — pouco menos de uma hora num comboio directo — se algo ou alguém aí exigisse a minha presença. O último comboio de Londres para

Oxford não era, no entanto, directo. O incómodo que implicava apanhá-lo era, por outro lado, compensado por dispor de mais uma hora na companhia de Guillermo e Miriam, um casal amigo que vivia em South Kensington e que me oferecia a sua conversa e hospitalidade como etapa final das minhas errantes jornadas londrinas. O último comboio da meia-noite obrigava-me a fazer o transbordo na localidade de Didcot, da qual nunca vi senão a lóbrega estação, e sempre após o crepúsculo. Por vezes, o segundo comboio, aquele que nos levava até Oxford com uma parcimónia incompreensível, não estava na linha quando chegavam os seis ou sete passageiros de Londres que faziam a ligação (a British Rail devia considerar que os passageiros daquele comboio atrasado eram noctâmbulos irredutíveis e que se podiam deitar ainda um pouco mais tarde), e então era preciso esperar naquela estação calada e vazia e que, tanto quanto se podia discernir pelos seus contornos no escuro, parecia desenraizada da povoação a que pertencia e cercada de campo por todos os lados, como um falso apeadeiro.

Em Inglaterra, os desconhecidos não costumam falar uns com os outros, nem sequer nos comboios nem durante as longas esperas, e o silêncio nocturno da estação de Didcot é um dos mais extensos que conheci. O silêncio é ainda mais extenso quando é quebrado por vozes ou ruídos isolados e descontínuos, como o chiar de uma carruagem que, de súbito, desloca-se enigmáticamente alguns metros e se detém, ou o ininteligível grito de um empregado que o frio desperta da sua breve sonolência para o poupar a um pesadelo, ou o barulho seco e remoto de caixas que umas mãos invisíveis decidem mudar gratuitamente de sítio quando nada urge e tudo é adiável, ou o som metálico de uma lata de cerveja a ser esmagada e atirada para um caixote do lixo, ou o voo modesto de uma folha solta de jornal, ou os meus passos que entretêm a espera aproximando-se, inutilmente, da berma da plataforma, que é como em Inglaterra se chama às gares. Umas poucas luzes, separadas por dezenas de metros de modo a evitar o desperdício, alumiam temerosamente essas gares ainda não

varridas que se assemelham ao chão que uma pobre festa de rua deixou para trás. (Só serão varridas de manhã, por mulheres que agora sonham na ignorada Didcot.) Mal se distinguem os breves troços de pedra e carril que cada uma ilumina entre pestanejos, e uma delas ilumina também o meu rosto, que emerge de um casaco azul-marinho com a gola levantada, e uns sapatos e tornozelos de mulher, cuja proprietária permanece na sombra. Vejo apenas o vulto da sua figura com gabardina, sentada, e a brasa dos cigarros que ela, tal como eu, vai consumindo durante a espera, mais longa do que o costume numa ou noutra noite. Os sapatos imprimiam um leve ritmo sobre o pavimento, como se quem os trouxesse calçados ainda tivesse nos ouvidos a música ao som da qual talvez tenha dançado a noite inteira, e eram sapatos de adolescente ou bailarina ingénua, com fivela e salto muito baixo e a biqueira arredondada. Sapatos ingleses, sem dúvida, que mantiveram os meus olhos voltados para o lado direito e tornaram a hora imóvel na estação de Didcot mais suportável. Os nossos respectivos cigarros acumulavam-se no chão, só beatas, os meus atirados com um autêntico piparote para a berma da plataforma, da qual nem sempre resvalavam, e os seus na mesma direcção, com um movimento de braço parecido ao de quem lança uma bola com pouca força. E ao fazer esse movimento a mão entrava no feixe de luz e eu podia ver uma pulseira durante umas décimas de segundo. De vez em quando levantava-me, em parte para esquadrihar o negrume dos carris à distância, em parte para tentar ver um pouco melhor a mulher que fumava e marcava um ritmo ignorado — cruzadas ou não as pernas, alternadamente — com os pés iluminados. Dava dois ou três passos à frente dela e voltava para o meu lugar, mas a única coisa que conseguia era ver de frente os sapatos ingleses e os tornozelos aperfeiçoados pela penumbra. Até que, finalmente, apenas alguns minutos antes de aparecer remisso e cansado o comboio atrasado, foi ela quem se levantou e caminhou pausadamente pela plataforma, enquanto a voz turva e amplificada de um ferroviário indiano, com um sotaque tão forte que um estrangeiro só por dedução poderia

adivinhar o que dizia, anunciava a entrada do comboio em Didcot e as paragens que faltavam: Banbury, Leamington, Warwick, Birmingham (ou seria Swindon, Chippenham, Bath, Bristol? Não quero ir ver ao mapa — na minha memória estão as duas séries, talvez misturadas). Ela permaneceu de pé, com uma pequena mala na mão, balançando-a enquanto esperava. Eu abri-lhe a porta do comboio.

Esqueci por completo o seu rosto embora não as suas cores (amarelo, azul, cor-de-rosa, branco, vermelho), mas sei que é a mulher que à primeira vista mais me comoveu em toda a minha juventude, embora não se me escape que este comentário só pode acompanhar, seguindo a tradição da literatura e da realidade, aquelas mulheres que os homens jovens não chegam a conhecer. Também não me lembro de lhe ter dirigido a palavra, nem do que falámos durante a escassa meia hora que dura o trajecto entre Didcot e Oxford ou as suas estações. Talvez nem sequer tenhamos conversado e apenas nos tenhamos limitado a trocar três ou quatro frases soltas. Em contrapartida, lembro-me de que, embora não o suficiente para ser uma aluna, era bastante jovem e por isso não muito elegante, e que a gola da sua gabardina estava suficientemente aberta para me permitir contemplar o colar de pérolas (falsas ou verdadeiras, não sei dizê-lo) que, seguindo a moda de alguns anos, as raparigas inglesas mais cuidadosas tinham por bem usar mesmo que se vestissem do modo mais informal ou aparentemente imperfeito (ela era esmerada o quanto baste, não elegante). Lembro-me também de que aquela mulher, com o cabelo curto e as feições hoje esquecidas, pareceu-me saída dos anos 30. Talvez Will, o porteiro, visse desta maneira todas as mulheres nos dias em que se achava instalado naquela década. De qualquer modo, a nossa conversa não foi suficientemente pessoal para ficar a saber o que quer que fosse dela. Talvez os seus olhos claros se fechassem devido ao cansaço e eu não me atrevesse a contrariá-los. Talvez naquela meia hora de trajecto tardio o meu desejo de contemplação fosse muito mais forte do que a minha curiosidade e capacidade de cálculo.

Ou talvez tenhamos falado apenas de Didcot, da sua estação tenebrosa e fria que deixámos para trás e à qual ambos haveríamos de voltar. Ela saiu em Oxford, mas eu não soube apalpar o terreno: nem sequer me ofereci para a levar comigo no táxi.

A partir de então, e durante uns dez dias, caminhei pela cidade de Oxford com o propósito ou a esperança inconsciente de a voltar a encontrar, o que não era demasiado improvável se não estivesse apenas de visita e se aí vivesse. Passei ainda mais tempo na rua do que era costume, e a cada dia que passava o seu rosto ia-se desvanecendo cada vez mais ou confundindo-se com outros, como costuma acontecer com aquilo que queremos recordar e nos esforçamos por recordar, com todas aquelas imagens para com as quais a memória não se mostra respeitosa (isto é, passiva). Não é de estranhar, portanto, que hoje não veja nenhum dos seus traços — é um quadro inacabado, com volumes desenhados mas não pintados, as cores escolhidas mas apenas em borrão —, apesar de a ter visto com toda a certeza uma segunda vez e julgo que uma terceira, e talvez até mesmo uma quarta. Mas dessa vez que foi certa — dez dias depois — foi tudo muito rápido e, além disso, fazia vento. Eu estava a sair da livraria Blackwell's com menos tempo do que o necessário para chegar a uma das minhas aulas de tradução com o exigente Dewar. Apreseiei o passo olhando em frente, no meio de uma ventania que começou quando estava a espiolhar na Blackwell's. Andei uns vinte passos e, perto do Trinity College, cruzei-me com duas figuras femininas que também iam apressadas, com a cabeça baixa para evitar o vento. Foi só quando dei mais quatro ou cinco passos (deixando-as para trás) que a reconheci e dei meia-volta. O que mais me surpreendeu foi que também ela e a amiga, que por sua vez tinham dado outros quatro ou cinco passos desde o momento em que nos cruzámos, estavam paradas à minha frente. Àquela distância de oito ou dez passos, vimo-nos realmente. Ela sorriu e gritou, mais para que eu a reconhecesse do que reconhecendo-me: «No comboio! Em Didcot!» Por um segundo, hesitei se me devia aproximar e, enquanto hesitava,

a amiga puxou-a pela manga e instou-a a seguir caminho. A saia agitava-se-lhe arrastada pelo vento, e também o cabelo curto. Lembro-me disto porque, durante aqueles brevíssimos instantes em que ficou parada em Broad Street e gritou «No comboio! Em Didcot!», tinha uma mão no cabelo, afastando-o da testa, e a outra na saia, segurando-a contra o vento. «No comboio! Em Didcot!», repeti, confirmando-lhe que a reconhecia (as abas do meu casaco azul batiam-me nas pernas); mas nesse momento a odiosa e diligente amiga, cuja cara não vi, arrastava-a na direcção oposta à que eu imediatamente seguiria, para ir ter com Dewar à Tayloriana. Tenho a certeza de a não ter voltado a ver durante o resto do ano nem no seguinte, ao fim do qual deixei Oxford, embora não para regressar — ainda não — definitivamente a Madrid, como agora é certo que fiz. O que mais lamento é não ter podido reparar, daquela segunda vez que tenho a certeza de ter ocorrido, nos seus sapatos ingleses nem nos tornozelos, que sem dúvida me teriam parecido fragilizados pelo vento. Estava demasiado atento ao avisado voo da sua saia.